

Introdução

Esconder o suicídio ao pé de páginas, mascará-lo por eufemismos, como ocorreu nos casos narrados no prólogo, ou até mesmo ignorá-lo completamente, como ocorre com a imensa maioria dos casos, são procedimentos comuns na imprensa internacional, não apenas a brasileira. Há razões bem práticas e compreensíveis para isso: amenizar o inevitável sentimento de culpa dos familiares e amigos próximos do morto, respeitar a privacidade de sua dor, implicações securitárias etc. Em torno da notícia de uma morte voluntária, porém, tende a se formar um círculo de silêncio que expressa algo mais difuso, mas não menos importante nas sociedades ocidentais: as crenças conjugadas de que o suicídio pode ser, de certa forma, contagioso, e de que os modernos meios de comunicação de massa podem ser, pela própria natureza de sua função social, os vetores deste contágio.

Verbalizado ou não, portanto, existe nas redações o temor de que a publicação de uma notícia sobre um suicídio específico, ou até uma simples menção genérica à possibilidade de um ser humano chegar à conclusão de que sua vida não vale mais a pena ser vivida, possa transmitir ou estimular a mesma idéia num suicida em potencial – tratado de forma análoga ao “portador sadio” de uma doença latente. Tenta-se evitar, pelo rigor na edição e pelo tratamento retórico do fato, que se repita o que aconteceu com a publicação da novela *Werther*, de Johann Wolfgang von Goethe. A partir de 1774, a Europa romântica foi sacudida por uma onda de suicídios de jovens que se identificaram com o amor não-correspondido do protagonista pela adorável embora refratária Charlotte a ponto de adotarem a mesma saída para seus próprios dramas: matar-se com um tiro de pistola. Exemplos do livro de Goethe eram achados ao lado dos moribundos ou dos cadáveres.

Em sua carta de despedida, escrita numa linguagem transbordante de emoção que nunca ou quase nunca é encontrada nos bilhetes de suicidas reais,

normalmente frios e práticos, Werther se dirige a Deus e ao objeto de seu amor não-correspondido, Charlotte: “Em torno de mim reina a tranqüilidade, e minha alma está tão calma! Agradeço-vos, ó Deus, por me concederes em meus últimos momentos, este calor e esta força!” (GOETHE, 1971, p. 159) E, um pouco adiante, sinaliza a proximidade da morte com uma metáfora, não com a concretude da arma de fogo: “Veja, Charlotte, que não tremo ao pegar a fria e terrível taça por onde quero beber a embriaguez da morte! É você quem ma apresenta e eu não hesito um só momento. É assim que se consumam todos os votos, todas as esperanças da minha vida!” (*ibidem*, p. 159)

Não existe, previsivelmente, uma estatística do “efeito Werther”³ sobre a população masculina jovem européia do século XVIII. Se existisse, ela talvez nem sequer fosse relevante do ponto de vista numérico, embora o crítico e romancista inglês A. Alvarez tenha escrito em *O deus selvagem – Um estudo do suicídio* [1971]: “O percurso de Werther foi como o percurso de um carro de Jagrená indiano; media-se o seu êxito pelo número de suicidas que deixava atrás de si” (ALVAREZ, 1999, p. 209). Não sem sarcasmo, Alvarez observa que, no apogeu do romantismo, a vida era vivida como se fosse, ela também, uma obra de ficção, “e o suicídio se tornou um ato literário, um gesto histérico de solidariedade para com qualquer herói ficcional que fosse a coqueluche do momento” (*ibidem*, p. 209).

Seja como for, o efeito causado na opinião pública pelos casos de suicídio de leitores solidários a Werther que vieram à tona na ocasião, quão poucos possam ter sido, foi duradouro e exemplar. Quando, duzentos e três anos depois, Roland Barthes elegeu articular seu *Fragmentos de um discurso amoroso* em torno sobretudo da “leitura regular” do *Werther* estava, sem sombra de dúvida, não apenas ratificando a importância de Goethe na formação do sujeito apaixonado ocidental como reconhecendo a saída suicidária como recurso retórico amoroso.

Às vezes, vivamente atingido por alguma circunstância fútil e envolvido pela repercussão que ela provoca, me vejo de repente numa armadilha, imobilizado numa situação (num sítio) impossível: só há duas saídas (*ou... ou então...*) e as duas estão

³ Posteriormente, a expressão “efeito Werther” passou a ser usada sempre que um suicídio – sobretudo o de artistas – serve de inspiração para que outras pessoas se matem.

igualmente trancadas: dos dois lados só tenho que me calar. Então a idéia de suicídio me salva, pois *pode ser falada* (e não me privo disso): renasço e pinto essa idéia com as cores da vida, seja para dirigi-la agressivamente contra o objeto amado (chantagem bem conhecida), seja para me unir a ele fantasiosamente na morte (‘descerei ao túmulo para me abraçar com você’).” (BARTHES, 1981, p. 185).

Barthes, ele mesmo saudado pelos românticos mais-que-tardios como um suicida, por ter-se supostamente deixado atropelar por uma caminhonete, a 25 de fevereiro de 1980⁴, próximo ao College de France, onde ministrava um curso sobre Marcel Proust e a fotografia, fornece, por contraste, uma sugestão de abordagem mais geral do fenômeno do suicídio – é esta que, num primeiro momento, me interessa, por não pretender esgotar seus inúmeros aspectos e sim relacioná-los ao modo como as notícias são ou não divulgadas pela imprensa – ao escrever numa espécie de epígrafe aos seus próprios *Fragmentos*:

A necessidade deste livro funda-se na consideração seguinte: o discurso amoroso é hoje *de uma extrema solidão*. Tal discurso talvez seja falado por milhares de sujeitos (quem pode saber?), mas não é sustentado por ninguém; é completamente relegado pelas linguagens existentes, ou ignorado, ou depreciado ou zombado por elas, cortado não apenas do poder; mas também de seus mecanismos (ciência, saberes, artes). (BARTHES, 1981, XV).

Diferentemente do discurso amoroso, então, o discurso suicidário e meta-suicidário é incorporado tanto por uma multidão de sujeitos – o próprio Barthes o diz naquele seu “verbete” dedicado ao suicídio⁵ – quanto por uma multiplicidade de discursos – como atesta a profusão de títulos dedicados ao assunto nas ciências humanas e sociais (Psicologia, Antropologia, Sociologia, Filosofia, História). Só mesmo o abrangente conceito de *interdisciplinaridade*, que tenta não circunscrever o estudo do homem a apenas uma de suas dimensões ou a apenas

⁴ Tal suspeita é enfraquecida pela inépcia da suposta execução (Barthes morreu apenas a 26 de março, depois de um mês de agonia no Hospital Pitié-Salpêtrière) e pelo estado de ânimo daquele que é considerado seu último texto, por ter sido encontrado em processo de revisão datilográfica, na sua máquina de escrever, na data do atropelamento: “Malogramos sempre ao falar do que amamos” (nele, Barthes trata da transcendência da arte e da esperança a partir de Stendhal).

⁵ Cf. p. 16.

uma de suas disciplinas, é capaz de abarcar o fenômeno; num conceito exemplificado pelas obras do próprio Barthes e de seus compatriotas Foucault, Derrida, Morin, Lyotard, Deleuze.

1.1

O não-lugar do suicídio

Sendo o suicídio tema passível de abordagem filosófica, sociológica, antropológica, psicológica, médica, jurídica, histórica, política, religiosa, ética etc., ele se constitui num ponto nevrálgico não somente das fronteiras disciplinares como também do próprio homem. Há estudos nesta direção. Em *Les suicides*, por exemplo, Jean Baechler busca dar conta de todos os aspectos e variáveis, imbuído da idéia de que somente o diálogo entre as variadas disciplinas pode aclarar o assunto. Assim, Baechler investiga as teorias sociológicas, psicanalíticas, psiquiátricas; as leituras filosófico-morais, de casos, estatísticas; os contextos familiares, etários, sexuais; as mentalidades; os tipos de morte voluntária. Longe de pretender abarcar toda a literatura sobre o assunto, que reputa “monstruosa”, o autor, não sem ironia, reclama um não-lugar logo na sua apresentação:

Eu não sou médico, nem psiquiatra, nem psicanalista; eu não sou moralista, nem filósofo, nem teólogo; eu não sou etnólogo, nem psicólogo e tampouco sociólogo. Assim, eu preencho as condições necessárias, senão suficientes, para estudar os suicídios. (BAECHLER, 1975, p. 9).⁶

Queixando-se da ausência de menções à morte voluntária em clássicos dos estudos sobre a morte, como, por exemplo, *La mort et l'Occident de 1300 à nos jours*, de Michel Vovelle, ou *L'homme devant la mort*, de Philippe Ariès, George Minois, já na introdução de *Histoire du suicide – La société occidentale face à la*

⁶ Je ne suis pas médecin, ni psychiatre, ni psychanalyste; je ne suis pas moraliste, ni philosophe, ni théologien; je ne suis pas ethnologue, ni psychologue et si peu sociologue. Je remplis donc les conditions nécessaires, sinon suffisantes, pour étudier les suicides.

mort volontaire, lembra que parte dela se deve a falhas documentais. “As fontes que concernem às mortes voluntárias são diferentes daquelas que relatam as mortes naturais. Os famosos registros paroquianos de falecimentos não são aqui de nenhuma ajuda, porque os suicidas não tinham direito à inumação religiosa” (MINOIS, 1995, p. 9). Minois assinala, portanto, que os historiadores devem se dirigir a fontes heteróclitas (memórias, crônicas, jornais, literaturas) e a arquivos judiciais, pois a morte voluntária quase sempre foi considerada crime. Logo, também o Direito, canônico ou laico, produziu discursos condenatórios do suicídio.

Dentro deste espírito – e também como jornalista – irei trabalhar a primeira das três partes desta dissertação. Lançarei mão de textos produzidos no âmbito da Sociologia, da História, da Filosofia, da Psicologia, da Antropologia e até da Literatura, na tentativa de estabelecer elos entre o fato concreto do suicídio e a idéia generalizada de que ele é, num sentido bem específico, não biológico, contagioso dentro das sociedades.

No processo, um pouco como Barthes empregou o *Werther*, utilizarei *O suicídio – Estudo de sociologia* [1897] de Émile Durkheim, como “leitura regular”, em relação às quais se posicionam por alinhamento, divergência ou oposição as outras. Seu livro é uma referência constante quando se estuda o suicídio, naturalmente não por ser o primeiro. Sua própria bibliografia o comprova: está coalhada de livros de médicos e psicólogos sobre a morte voluntária. Durkheim, porém, propõe uma mudança drástica na abordagem do fenômeno: não mais vê-lo como a expressão individual de uma doença ou de uma loucura, e sim como a expressão individual de um fenômeno coletivo. Pensando desta forma, em seu trabalho, Durkheim isolou para análise uma tipologia do suicídio ainda válida. Além disso, ele aceitava a idéia de contágio dentro das sociedades e admitia que, mais do que o mero boca-a-boca, a imprensa poderia desempenhar um papel potencializador na transmissão se não do suicídio, da sua sugestão.

1.2

Observação participante

Na segunda parte desta dissertação, buscar-se-á mais especificamente o papel da imprensa no fenômeno do suicídio assim como, na primeira, buscou-se mapear a idéia de “contágio”, no qual a imprensa poderia desempenhar uma parte importante, dentro da bibliografia sobre o suicídio. A partir daqui, além do recurso às fontes heterodoxas, começarei paulatinamente a aplicar o conceito de “observação participante”, utilizado na pesquisa qualitativa dos fenômenos de comunicação de massa. Nascido do trabalho da Escola de Chicago, este método sócio-antropológico prescreve a virtual imersão do pesquisador no objeto pesquisado – no caso, empresas de comunicação e redações – de modo a captar-lhe as sutilezas de conduta, seja por entrevistas com personagens-chave ou consulta a seus documentos (reportagens), seja por observação direta ou experiência de vida.

Sou jornalista profissional há vinte anos, a maior parte deste período passado entre as redações do *Jornal do Brasil* (1986-1991) e do *Globo* (1992-2000), ambos importantes diários cariocas. Tendo neles exercido funções em variadas áreas, de repórter de Artes e Espetáculos a editor de Política, em algumas ocasiões, coerente com as culturas organizacionais em que me inseria, deparei-me com as mesmas dúvidas externadas pela colega mencionada no prólogo desta dissertação (“Preciso ver como publicamos, então...”). Não haverá, todavia, apelo a reminiscências isoladas. O que importa é a percepção de que, muito mais do que ser determinante do modo como os seus leitores encaram o suicídio, a imprensa sim é determinada pela visão que seus consumidores – vale dizer a sociedade como um todo, no caso de jornais de grande circulação ou redes de rádio e TV – têm da morte voluntária. Nessa perspectiva, a imprensa se colocaria, então, não como vetor do contágio, mas como instância social solidária ao tabu que a suplanta.

No seu artigo incluído no livro *A handbook of qualitative methodologies for mass communication research*, “Qualitative methods in the study of the news”, a pesquisadora americana Gaye Tuchman, especialista no estudo de notícias do Departamento de Sociologia da Universidade de Connecticut, aponta

três mudanças importantes que a linha da “observação participante” introduziu em relação a trabalhos anteriores neste campo:

Primeiro, a unidade de sua análise não era o repórter ou o editor individual. (...) Em vez disso, eles examinaram as empresas de notícias como instituições complexas. Segundo, embora enquadrados em linguagem acadêmica “neutra”, seus estudos eram implicitamente políticos. Os autores buscaram entender como as notícias vieram a sustentar a interpretação oficial de eventos controversos. Terceiro, às vezes implícita mas freqüentemente explicitamente, estes estudos levantaram um tema epistemológico chave: como empresas de notícias vêm a “saber” o que “sabem”. (TUCHMAN, 1991, p. 84).⁷

Para mim, de particular importância é a segunda das mudanças mencionadas por Tuchman: meu interesse é tentar entender como o noticiário apóia as interpretações oficiais de um fato controverso – o suicídio. Ou seja, o modo como ele reflete e reforça o senso comum sobre o assunto: a condenação quase unânime quando se trata de um suicídio motivado por problemas ou decisões particulares (dissabores amorosos, como Werther); a absolvição quase unânime ou, ao menos, a relativização quando se trata de um suicídio motivado por causas externas ao sujeito que se mata (como o homem-bomba).

1.3

O que diz o jornal?

Daí a terceira parte desta dissertação, que se debruçará sobre como efetivamente o suicídio é *falado*. Aqui, o campo escolhido para a pesquisa é um órgão representativo da imprensa brasileira, tomado num determinado período: o supracitado jornal *O Globo*, um dos quatro maiores diários do país, sediado no Rio de Janeiro e cuja tiragem média diária é de 300 mil exemplares, no ano de 2004.

⁷ First, their unit of of analysis was not the individual reporter or editor (...), rather, they examined news organizations as complex institutions. Second, although framed in “neutral” academic language, the studies were implicitly political. Their authors sought to understand how news came to support official interpretations of controversial events. Third, sometimes implicitly but often explicitly, these studies raised a key epistemological issue: how do news organizations come to “know” what they “know”.

Além da possibilidade, por conta de experiência profissional, de usá-lo de campo para minha “observação participante”, sua escolha apresenta outra vantagem, nada desprezível em termos de abrangência. Nele, a linha editorial é coerente com a de todos os veículos de comunicação das Organizações Globo (outros jornais, emissoras de televisão, rádios, revistas, *sites* de internet) e é estabelecida em reuniões semanais entre seus principais executivos. Portanto, é razoável supor que as mais ou menos as mesmas deliberações fundamentais – quanto ao suicídio ou a qualquer outro tema polêmico – sejam apresentadas diante de um público de dezenas de milhões de brasileiros, refletindo e alimentando suas convicções, num processo contínuo que impossibilita definir onde acaba uma etapa e começa outra.

Sendo verdade que a notícia é um pedaço do social que volta ao social, como disse Bernard Voyenne, redator do jornal *Combat* junto ao filósofo Albert Camus durante a Segunda Guerra Mundial, os vínculos entre uma sociedade e a sua imprensa são indissolúveis. No caso do alcance e do poder dos produtos de comunicação das Organizações Globo, não seria temerário afirmar que eles pensam o que o país pensa – e vice-versa. Entender-lhes é entender um pouco a cabeça do brasileiro.

Por extensão, pode-se dizer também que eles não pensam o que o país não pensa – e vice-versa – quando se trata, por exemplo, de um tema tabu como o suicídio. Porque, como destaca Teun A. Van Dijk⁸, professor de Estudos do Discurso na Universidade de Amsterdã, a notícia é uma importante formadora de opinião não só pelo que ela diz, mas também pelo como diz e pelo que não diz.

Uma das mais poderosas noções na análise crítica das notícias é a de *implicação*. (...) Muito da informação de um texto não é expressada explicitamente, mas deixada implícita. Palavras, orações e outras expressões textuais podem implicar conceitos ou proposições que podem ser inferidas com base em conhecimento prévio. Este aspecto do discurso e da comunicação tem importantes dimensões ideológicas. A análise do “não-dito” é às vezes mais reveladora do que o estudo do

⁸ “Media contents – The interdisciplinary study of news as discourse”. In: JENSEN, JANKOWSKI. *A handbook of qualitative methodology for mass communication research*. Londres e Nova York: Routledge, 1991.

que de fato foi expressado no texto. (VAN DIJK, 1991, p. 113/114).⁹

Em busca do que o noticiário diz, insinua ou cala sobre as mortes voluntárias, examinarei todo o material pertinente publicado pelo jornal *Globo* em 2004 – suicídios de personalidades, homicídios seguidos de suicídio, atentados perpetrados por terroristas suicidas etc. – atrás dos itens mais significativos sob a lupa da análise de discurso. Em si mesmo, como acentua Van Dijk, este método contém os elementos da *interdisciplinaridade*, conforme agrega o conhecimento de Antropologia, Etnografia, Microsociologia, Psicologia Social e Cognitiva, Poética, Retórica, Estilo, Lingüística, Semiótica e “outras disciplinas nas ciências humanas e sociais interessadas no estudo sistemático de estruturas, funções e processamento de texto e fala” (*ibidem*, p. 108). Em suma, procura-se aqui revelar uma ideologia em torno do suicídio nas linhas e nas entrelinhas do noticiário.

⁹ One of the most powerful semantic notions in a critical news analysis is that of *implication*. (...) Much of the information of a text is not explicitly expressed, but left implicit. Words, clauses, and other textual expressions may imply concepts or propositions which may be inferred on the basis of background knowledge. This feature of discourse and communication has important ideological dimensions. The analysis of the “unsaid” is sometimes more revealing than the study of what is actually expressed in the text.